



[www.observatoriodacritica.com.br](http://www.observatoriodacritica.com.br)

## **Tribos invisíveis**

**Revista Veja**

Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/graieb.html#tribos> acesso em: 15 dez. 2010

## **Tribos invisíveis**

**Carlos Graieb**

Não parece, mas ainda existem poetas no Brasil. Eles escrevem, publicam - e até brigam.

"Nota do Editor:

O JP publica, com grande atraso, a matéria de Veja, de autoria do crítico de literatura, sr. Carlos Graieb. É que minha assinatura da *www.uol* venceu e não pude renová-la, de modo que estou sem acessar a *Veja* e a *Folha de São Paulo*. [Deus é grande, um dia chove!] Enquanto não chove[u], alguns ficaram de me mandar o arquivo eletrônico, mas não mandaram; até que o Cláudio Willer mandou. Aí está. Acho o artigo do Graieb uma lindeza: abre o debate!

Você, meu caro leitor, acha correta a classificação das "tribos"? Como se classifica a si mesmo? Outras tribos? Houve deboche? Meta a colher! Cacete no Graieb, se for o caso. Debatamos. E, claro, todo o espaço ao Graieb!

Eu, em particular, acho perfeita a classificação em 3 grandes "famílias". Apenas mandaria retirar o "neo", porque não há nada de neo em canto algum. Como conservador, continuo procurando fazer a mesma velha poética que sempre se fez em 5.000 anos de história ocidental. E os concretos continuam concretos; os

marginais continuam à margem. Se fazem poesia? Eles acham que sim, e abominam os conservadores; e vice-versa, de lá pra cá e daqui pra cá, e, como registra o Graib: odiamos-nos. Reciprocamente, cobras e lagartos. Razão com ninguém, parece. Que seja civilizadamente. Retirem os neos, por favor. Em breve comentarei o artigo do moço. O debate!, vamos a ele.  
Soares Feitosa, conservador, velho"

[A classificação das escolas, segundo Graieb]

<b>Grupo:</b> Neoconservados	<b>Grupo:</b> Neomarginais	<b>Grupo:</b>
res		Neovanguardistas
<b>Revista:</b> <i>Poesia Sempre</i>	<b>Revista:</b> <i>O Carioca</i>	<b>Revista:</b> <i>I nímigo Rumor</i>
<b>O que</b>	<b>O que</b>	<b>O que propõem:</b>
<b>propõem:</b> Retorno às formas fixas, repúdio ao vanguardismo, defesa da poesia como forma "nobre e elevada"	ade, atitude inconformista e "antiliterária"	Ecletismo, erudição, perícia técnica
<b>Representantes:</b> Ivan Junqueira e Alexei Bueno	<b>Representantes:</b> Chacal, Michel Melamede, Pedro Rocha, Viviane Mose, Guilherme Zarvos, Gisela Campos, Guilherme Levi	<b>Representantes:</b> Carlito Azevedo, Jorge Viveiro de Castro (editor), Lu Menezes, Alberto Puche

Interessar-se por poesia é como mexer num vespeiro. Lá está ele, perdido na paisagem. Até que alguém o toca e as vespas aparecem, voando por todos os lados. No mercado editorial, a poesia é como esse vespeiro num cenário bem mais amplo. As tiragens são pequenas, assim como as vendas. Como observou o escritor russo Joseph Brodski, ao aceitar o Prêmio Nobel em 1987, é bem provável que o número de leitores de poesia jamais

tenha chegado a 1% da população mundial, ao longo de toda a história humana. Apesar dessa relativa invisibilidade, no entanto, o gênero persiste. No Brasil, como em outros países, basta uma espiada mais atenta para constatar que os poetas formam um ecossistema peculiar, com suas regras e manias. Como no caso das vespas, trata-se de uma sociedade industriosa e agitada. Eles editam revistas, como a *Inimigo Rumor*, a *Azougue* ou a *Orobó*. Organizam espetáculos como o *CEP 20 000*, recital anual que congregava poetas do Rio de Janeiro entre 1990 e 1998. E, de vez em quando, alguns guerreiros até saem a campo para brigar com os vizinhos: das raras polêmicas literárias no Brasil recente, quase todas foram protagonizadas por poetas. Mesmo sendo alérgico a poemas ou a picadas, sempre é curioso prestar um pouco de atenção a um universo como esse.

É praticamente impossível fazer um levantamento completo da poesia produzida no Brasil hoje. O maior esforço nesse sentido é a série organizada pelo escritor Assis Brasil para a editora Imago. Até agora, foram onze coletâneas, cada uma dedicada a um Estado. No total, cerca de 500 escritores. Mas o intuito desses livros é apenas documental, ou seja, não há julgamento de valor e cabe aos leitores separar o joio do trigo. Bem mais crítica é a coletânea *Esses Poetas - Uma Antologia dos Anos 90*, organizada pela professora paulista Heloísa Buarque de Hollanda. Seu objetivo é identificar as tendências dominantes na produção dos poetas surgidos nesta década, a maioria na faixa entre 25 e 45 anos. Lançada no final de 1998, ela acaba de chegar à segunda edição e reúne 23 autores - a maioria dos quais moradores do eixo Rio-São Paulo. Não é por acaso. Nesta segunda metade do século, São Paulo e Rio (onde se concentram as maiores editoras, jornais e revistas) têm disputado o posto de capital poética.

Famílias - A vantagem, atualmente, fica com o Rio, onde é relativamente fácil identificar, se não grupos fechados, pelo

menos famílias poéticas. Uma delas se poderia chamar de "neo-marginal". A poesia marginal ganhou corpo nos anos 70, tendo por expoentes nomes como Cacaso, Waly Salomão ou Chacal. Era marcada por um grande desejo de dessacralizar a literatura, por um quase desprezo pela cultura erudita. Em seus melhores momentos, seus textos eram um registro quase jornalístico (e muito bem-humorado) de eventos cotidianos ou políticos. Nos últimos anos, alguns jovens poetas voltaram a se identificar com esse ideário. Encontraram em Chacal, da geração passada, um incentivador e ponto de referência. Na década de 90, Chacal (que os inimigos chamam de "Chatal") não apenas editou a revista *O Carioca* como também produziu, ao lado de outro poeta, Guilherme Zarvos, o evento *CEP 20 000*. Tanto a revista quanto o evento estão suspensos por falta de verba. Mas Chacal garante que vai retomá-los e, enquanto isso, se encontra com seus "pupilos" em centros culturais como o Fundação Progresso, ou em pontos tradicionais como o Bar da Hípica, onde se pode "beber, fumar e ouvir rock". Segundo Chacal, a dificuldade de publicar está levando esses jovens a desenvolver formas de poesia falada. "Às vezes, soa como uma mistura de cordel e hip hop, com altas doses de improviso", diz ele.

Um segundo grupo é o dos "neovanguardistas". É o mais numeroso, o mais coeso - e o que melhor define o "estilo da época". Seu ideário é eclético, para dizer o mínimo. Eles assumem legados do modernismo de 1922, como o coloquialismo, o poema-piada e o poema-minuto. Vinculam-se a "grifes", como João Cabral de Melo Neto ou Carlos Drummond de Andrade. Retomam experimentos do movimento concretista inaugurado na década de 50 - como a fragmentação da palavra ou o emprego de efeitos visuais e tipologias especiais. Até mesmo características da poesia marginal dos anos 70 são incorporadas. Tudo isso, é importante que se diga, é feito com extremo apuro técnico. Em grande parte,

os nomes de maior destaque dessa vertente, como Carlito Azevedo, Lu Menezes, Aníbal Cristobo ou o paulista Heitor Ferraz, têm ligações com a universidade e conhecimentos de crítica literária, sendo, em mais de um sentido, "poetas-estudantes". Nos últimos anos, a editora carioca Sette Letras tornou-se a principal encorajadora desse movimento. Ela não apenas lança obras individuais como também banca a revista *Inimigo Rumor*, editada por Carlito Azevedo, na qual, além de poemas, ensaios e traduções são publicados.

Por fim, há a vertente "neoconservadora". Dos nomes que despontaram nos anos 90, o mais conhecido é o de Alexei Bueno, que tem grande afinidade com autores mais velhos, como Ivan Junqueira, hoje na casa dos 60 anos. A revista que melhor acomodou sua produção é a *Poesia Sempre*, publicada pela Biblioteca Nacional (embora uma crise de orçamento ameace cortar a verba de 30 000 reais gasta, em média, com cada número). Um retorno às formas fixas, como o soneto, ou aos versos metrificados, é a principal característica desses autores. Em vez da herança modernista, que de certa forma até repudiam, eles preferem o simbolismo do final do século passado e autores da Antiguidade clássica.

Tomates nos "reumáticos" - Como acontece em toda família, às vezes há desavenças internas nesses grupos. Muitos dos neovanguardistas, por exemplo, começaram sua trajetória próximos do grupo concretista encabeçado pelos irmãos paulistas Augusto e Haroldo de Campos, cuja bênção foi, por três décadas ao menos, um auxílio precioso para quem desejasse ter sucesso rápido na poesia. Ciumentos de suas crias, os Campos costumam deserdar quem se desfilia dos preceitos concretistas - e por isso quase todos os neovanguardistas já tiveram rugas com eles. Os poetas desse grupo, no entanto, aliam-se aos neomarginais na hora de jogar tomates nos neoconservadores,

acusados de fazer versos "reumáticos" ou então de acreditar, pomposamente, que sua poesia é um antídoto contra a "decadência da cultura ocidental". Diante desses ataques, Alexei Bueno retruca dizendo que falta visão de mundo a seus adversários. "Todos escrevem a mesma coisa, sem significar nada", acusa.

É uma objeção a levar em conta, mesmo por aqueles que não têm entusiasmo especial pela poesia retrô praticada por Alexei e aliados. Iumna Maria Simon, por exemplo, é professora de teoria literária da Universidade de São Paulo e da Universidade de Campinas e uma das poucas a ensinar poesia contemporânea brasileira regularmente aos alunos. Ela conta que, mesmo depois de familiarizar-se com as muitas técnicas poéticas postas em circulação pelos grandes escritores deste século, seus alunos têm dificuldade em julgar a produção dos jovens poetas. "As vozes são muito indiferenciadas", analisa ela. "Os poetas são competentes, têm muitos recursos, conseguem efeitos pirotécnicos, mas parecem não ter nada a dizer sobre a vida e a experiência. Falta-lhes aquilo que Sérgio Buarque de Holanda chamou de gesto ativo de criação." Num quadro como esse, o leitor indiferente à poesia talvez não mereça ser recriminado. Ou você já tentou diferenciar uma vespa de outra?